



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB, CAMPUS – I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – DFCS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

MARTA RENATA BASILIO AMORIM

**REFLEXÕES SOBRE A OBRA KIERKEGAARDIANA *O
DESESPERO HUMANO***

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

MARTA RENATA BASLIO AMORIM

**REFLEXÕES SOBRE A OBRA KIERKEGAARDIANA *O
DESESPERO HUMANO***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau em Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A524r Amorim, Marta Renata Basilio.
Reflexões sobre a obra kierkegaardiana "O Desespero Humano"
[manuscrito] / Marta Renata Basilio Amorim. - 2014.
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, Departamento de
Filosofia e Ciências Sociais".

1. Filosofia. 2. Existencialismo. 3. Kierkegaard. I. Título.

21. ed. CDD 142.78

MARTA RENATA BASILIO AMORIM

MARTA RENATA BASILIO AMORIM

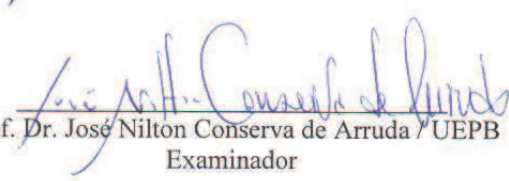
Reflexões sobre a obra kierkegaardiana *O desespero humano*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

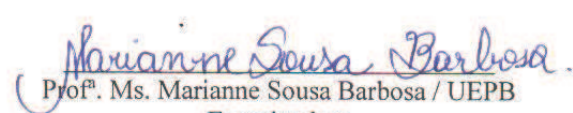
Aprovado em 17/02/2014.



Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador



Prof. Ms. Marianne Sousa Barbosa / UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, dando-me a oportunidade de crescer cada dia mais em todos os setores de minha vida.

À minha família, que me acolheu com alegria e que vem sempre me acompanhando e apoiando ao longo de minhas jornadas.

À todos os professores do curso de Licenciatura em Filosofia da UEPB, que fizeram parte de minha formação acadêmica e, de modo especial, ao Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, que, acolhendo a esta proposta de TCC, me orientou com muito zelo e paciência.

Por fim, a todos os meus amigos que me ajudaram ao longo deste curso.

REFLEXÕES SOBRE A OBRA KIERKEGAARDIANA *O DESESPERO HUMANO*

AMORIM, Marta Renata Basilio¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir acerca da filosofia existencialista de Kierkegaard em sua obra *O Desespero Humano*, escrita em 1849. Buscamos através de pesquisas bibliográficas em livros e artigos de revistas científicas uma melhor compreensão do que seja o desespero humano e como este se manifesta em nossa existência. Desta forma, a filosofia existencialista do pensador trata do desespero humano, apresentando-o como uma doença mortal e como o único mal existente para o qual não há cura. Kierkegaard apresenta o desespero em personificações, nomeando-os, analisando-os separadamente e de maneira bem específica: Desespero sob a ótica da dupla categoria do finito e do infinito; Desespero da infinidade ou carência do finito; Desespero no finito ou carência de infinito; O desespero sob a ótica da dupla categoria do possível e da necessidade, Desespero do possível ou carência de necessidade; Desespero na necessidade, ou carência de possível; O desespero sob a ótica da categoria da consciência; Desespero que se ignora ou ignorância desesperada por se ter um eu, um eu eterno; Desespero consciente da sua existência; Desespero que se deseja ser si mesmo e Desespero em que não se deseja ser si mesmo. Partindo destes pressupostos, aprofundaremos cada uma dessas personificações na tentativa de melhor compreendê-los. A falta de consciência do ser humano sobre a difícil tarefa de viver torna o desespero ainda mais radical, pois o indivíduo se distancia cada vez mais de sua própria verdade existencial.

PALAVRAS-CHAVE: Kierkegaard. Existência. Desespero.

¹ Graduando do curso de Licenciatura plena em filosofia, pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail:

INTRODUÇÃO

Precursor do existencialismo, Sören Kierkegaard nasceu em Copenhague, no dia 5 de maio de 1813. Foi teólogo e filósofo, construtor de um pensamento singular e revolucionário para sua época. Diferentemente de outros pensadores de seu tempo, voltou-se inteiramente para o indivíduo na elaboração da sua filosofia fazendo das suas próprias perguntas existenciais o foco de sua pesquisa filosófica.

Uma característica muito peculiar de seu pensamento é que este não se apresenta nascente do contato com outros filósofos e sim da sua própria existência, que se mostrava bastante comum comparada com a das outras pessoas. No entanto, interiormente, o pensador vivenciava grandes conflitos que o levavam a uma vida intensa e bastante agitada. Nascida da união da inquietude humana e do empirismo metafísico, a filosofia existencialista causou uma grande repercussão ao deter-se na análise das contradições e paradoxos que cercam a existência humana.

Kierkegaard compreende a existência como o modo particular com o qual cada ser humano experimenta-se no palco do mundo; dá grande importância à categoria do singular, do indivíduo reagindo contra a tendência de seu tempo que buscava levar os mesmos ao anonimato tratando-os de forma impessoal. O pensador chega a criticar qualquer forma de sistema que tente diminuir esta singularidade opondo-se contra tudo o que venha a ameaçá-la.

Em sua obra *O Desespero Humano*, escrita em 1849, Kierkegaard nos apresenta o desespero humano como uma doença mortal e como o único mal existente para o qual não há cura, superando assim, a morte que era encarada pelo senso comum como sendo o maior dos males, permanecendo sempre diante dos homens em meio às suas decisões.

Nosso trabalho está subdividido do seguinte modo: Primeiramente, abordaremos a questão dos pseudônimos utilizados por Kierkegaard em suas obras, logo em seguida, partiremos para a estruturação da existência do ser humano em sua cisão e dever de síntese conforme nos apresenta o pensador e, por fim, apresentaremos o desespero nas suas mais diferentes personificações.

A QUESTÃO DOS PSEUDÔNIMOS

No dia 30 de julho de 1849, o pensador dinamarquês Sören Kierkegaard² publicou sua obra *O desespero humano* (traduzida também como *A doença mortal*), cujo subtítulo é *Um desenvolvimento psicológico cristão para a edificação e o despertar de Anti-Climacus*. O uso do pseudônimo, como é o caso de *Anti-Climacus*, não era então uma novidade nas publicações das obras kierkegaardianas. Na verdade o filósofo publicou seus textos utilizando os mais diferentes nomes, entre os quais destacamos: Johannes Climacus, Constantin Constantius, Vigilius Haufniensis. Alguns de seus escritos fazem inclusive uso de duplos pseudônimos, como é o caso

² Kierkegaard nasceu no dia 5 de maio de 1813 em Copenhague e faleceu nesta mesma cidade no dia 11 de novembro de 1855. As principais obras que o pensador dinamarquês legou para a posteridade são as seguintes: *O conceito de angústia* (1844), *Migalhas filosóficas* (1844), *Estágios no caminho da vida* (1845), *A doença mortal* (1849), e seu *Diário*, o qual, para muitos estudiosos de sua obra, revela o pensamento de Kierkegaard melhor do que qualquer outro escrito.

do escrito *Alternativa* (1843) porquanto Victor Eremita publica os escritos e correspondências de duas pessoas, indicadas resumidamente por A e B.³ Farago na sua introdução ao pensamento kierkegaardiano (2006, p. 59-60) diz que o pensador dinamarquês

[...] vai apresentar sua obra ao público escondendo-se atrás das máscaras de pseudônimos, técnica que lhe permitirá fazer falar na primeira pessoa autores que endossam opções existenciais diferentes correspondentes aos possíveis. Ao mesmo tempo em que apresenta um grau variável de distanciamento do verdadeiro eu, a utilização dos pseudônimos nele equivale à maiêutica socrática: coloca em debate, através de personagens fictícias e paradigmáticas, as diferentes opções existenciais que se correspondem e se interpenetram de uma obra para outra.

Outra razão da quantidade de pseudônimos utilizados pelo pensador que poderíamos indicar aqui possuiria seu fundamento na *categoria do indivíduo*, categoria essa tão apreciada por Kierkegaard e, como ele mesmo diz, “através da qual devem passar, do ponto de vista religioso, o tempo, a história, a humanidade” (KIERKEGAARD apud REALE/ANTISERI 1991, p. 242). Um pensador que se preocupa com a existência como práxis, ação real do indivíduo no seu dia-a-dia não pode construir nenhum sistema no sentido de uma teoria cerrada. Se a existência é algo que cada um deve realizar como sua própria práxis, então o procedimento sinalizado com o termo *existência* se torna uma ação preponderantemente subjetiva, individual, particular, pressuposto e fim último de toda teoria. Assim sendo, não existe no saber nenhum sistema conclusivo da existência. *Existir* significa muito mais que apenas um acontecimento intelectual; como engajamento pessoal pressupõe uma unidade de pensar, querer, sentir e agir. Os pseudônimos utilizados por Kierkegaard devem, nesse sentido, representar e, conforme as mais diferentes perspectivas de forma de vida, recordar o leitor que ele é responsável pela sua própria existência e que ninguém pode substituí-lo em tal empreendimento.⁴ Nogare (1994, p. 121), recordando a luta do filósofo dinamarquês contra as ameaças do singular, diz o seguinte sobre essa categoria:

É por esta paixão pelo singular que Kierkegaard investe contra toda forma de sistema, de que o representante por excelência é o professor Hegel. O sistema não pode dar conta da realidade, sobretudo da realidade humana. O sistema é universal, a realidade é singular. O sistema é abstrato, a realidade é concreta. O sistema é racional, a realidade é irracional. O sistema é eterno, a realidade é efêmera. O sistema é olímpicamente impassível, a realidade é paixão, emoção e choque. Numa palavra: o sistema é tudo menos a realidade; e a realidade é tudo, menos sistema. O que nos diz o sistema sobre o que há de mais essencial, de mais íntimo, de mais dedicado, de mais significativo, de mais sofredor para o homem singular? Sua vida, suas aspirações, suas angústias, seus amores, seus ódios, seus riscos, sua morte, etc.?⁵

³ Cf. FARAGO, 2006, p. 128.

⁴ Essa mesma exigência entre responsabilidade e a própria existência encontrou também Nietzsche. Veja nesse sentido: “Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que necessitas atravessar, sozinho, para ultrapassar o rio da vida – ninguém, a não ser tu. Certamente existem inumeráveis sendas e pontes e semideuses que vão se oferecer para te levar para o outro lado do rio; mas isso te custaria tua própria pessoa que deverias penhorar e seguramente te perderias. No mundo existe um só caminho pelo qual somente tu podes passar. Para onde leva? Não perguntes, segue-o” (NIETZSCHE, 2008, p. 18).

⁵ Interessante compararmos aqui o que Kierkegaard diz numa passagem da obra *O desespero humano* sobre o sistema hegeliano: “Certo pensador eleva uma construção imensa, um sistema, um sistema universal que abraça toda a existência e história do mundo etc., – mas se alguém atentar na sua vida privada descobre com pasmo este enorme ridículo: que ele próprio não habita esse vasto palácio de elevadas abóbadas, mas um barracão lateral, uma pocilga, na melhor das hipóteses o quartinho do porteiro! E zanga-se se alguém ousa uma palavra para lhe fazer notar essa

Consideramos que este seja o momento na nossa reflexão de responder a pergunta dos motivos específicos que levaram Kierkegaard a utilizar o pseudônimo Anti-Climacus na obra *O desespero humano*.

As obras *Migalhas filosóficas* (1844) e *Post scriptum às migalhas filosóficas* (1846), textos nos quais Kierkegaard polemiza sobremaneira com o sistema hegeliano, o pseudônimo utilizado era Johannes Climacus conforme a história de um eremita do séc. VI, o abade do mosteiro Monte Sinai, que tinha redigido a obra *Klimax tou paradeisou* (O condutor do paraíso). Kierkegaard utilizou nas suas obras filosóficas esse nome para mostrar até onde seria possível chegar com a ajuda de argumentações lógicas. Pois *Klimax* significa elevação de conceitos e elevação de expressão no discurso. Contrariamente aos dois escritos anteriores, o filósofo dinamarquês faz uso nos textos *O desespero humano* (1849) e *A escola do Cristianismo* (1850) do pseudônimo *Anti-Climacus* significando possuir *agora um posicionamento mais avançado – nesse sentido ele – ironicamente – suprasumir*⁶ – sobre as mais diversas questões. Mas *Antiklimax* significa aqui mais propriamente retorno, conversão da série de conseqüências, descida e enfraquecimento da série de expressões, a descida pelo outro lado da escada. Para a obra *O desespero humano* o nome Anti-Climacus significa, então, que o autor retrocedeu quanto ao seu ponto de vista, a partir do qual iniciava suas reflexões nos escritos do Climacus, ou seja, o ponto de vista filosófico-experimental é abandonado para que seja tomado o rumo da dialética característica existente entre a fé e o pecado. É disso que Kierkegaard trata no desespero, na doença de morte. *A existência* deve ser vivenciada por cada um como *chamado do infinito no tempo finito*, como veremos a seguir. Vejamos como o pensador dinamarquês estrutura a mesma.

A ESTRUTURAÇÃO DA EXISTÊNCIA DO SER HUMANO EM SUA CISÃO E DEVER DE SÍNTESE

Muitos intérpretes consideram a obra *O desespero humano* como sendo uma das mais profundas da produção kierkegaardiana e pelo efeito que causou na formação do pensamento de muitos autores importantes do século passado não é difícil de entender os motivos dessa avaliação.⁷ A extensão da investigação kierkegaardiana abrange uma discussão com os conceitos da filosofia hegeliana (possibilidade, necessidade, realidade) até a descoberta de nossa responsabilidade pelo nosso próprio ser posto por Deus, fato este que, segundo o pensador, poderia ser esquecido tão facilmente nas nossas acomodações externas no mundo. No escrito, Kierkegaard torna-se sobremaneira um defensor, um advogado do indivíduo, sendo que nele deve

contradição. Pouco lhe importa viver no erro, contanto que construa o seu sistema... ajudado por um erro” (KIERKEGAARD, 2003, p. 45).

⁶ O termo *suprasumir* traduz o verbo alemão *weitergehen*, muito estimado por Hegel na sua *Fenomenologia do espírito* e pelos hegelianos e que Kierkegaard repetidamente utiliza, ironizando seus adversários. Se perguntarmos qual a motivação profunda que distancia o sistema hegeliano da filosofia existencial kierkegaardiana, encontramos exatamente aqui sua razão de ser. Podemos, como afirma Hyppolite na sua obra *Genese e estrutura da Fenomenologia de Hegel* (2003, p. 26), “descobrir uma reaproximação com as filosofias existências que florescem em nossos dias. Em muitos casos, aos descobrir a experiência feita pela consciência, Hegel descreve uma maneira de existir, uma particular visão de mundo; contrariamente porém à filosofia existencial, ela não se detém nessa mesma existência; Hegel vê aí um momento que, em sua superação, permite atingir um saber absoluto. É precisamente neste último ponto que Kierkegaard vai se opor a Hegel”.

ser fundamentado um projeto específico de Deus. Neste sentido, no prefácio de seu escrito (2003, p. 13), se expressa da seguinte forma: “Ousarmos ser nós próprios, ousar-se ser um indivíduo, não um qualquer, mas este que somos, sozinho frente a Deus, isolado na imensidade do seu esforço e da sua responsabilidade: eis o heroísmo cristão, e confesse-se a sua provável raridade”.

Este ponto de vista distanciava o pensador dinamarquês de sua época, época do anonimato e da dissolução do indivíduo na multidão, das ideologias que tendiam a sacrificar tudo a um discurso no genérico, no anonimato, reduzindo cada um à medida comum do rebanho.⁸ Kierkegaard, ao contrário, na consciência da impossibilidade de edificar ou ser edificado quando pertencente a uma massa, percebia que a formação de um verdadeiro ser humano é difícil e isso não ocorrendo sem luta e sofrimento, ou utilizando conceitos próprios do texto kierkegaardiano, sem liberdade, angústia e desespero. Assim, o filósofo espera que sua exposição não seja *edificante para toda gente* já que nem todos serão capazes de segui-la: mas para os cristãos, cuja regra quer que tudo seja pretexto à edificação, certamente ela será: “Uma especulação que não o consiga será, por isso mesmo, acristã. Dessa forma, uma exposição cristã deve evocar, sempre, as palavras do médico à cabeceira do enfermo”; mas além de edificar, sua exposição causará certamente inquietação, e essa inquietação o autor entende como “o verdadeiro comportamento para com a vida, para com nossa realidade pessoal e, por conseguinte, ela representa, para o cristão, a seriedade por excelência. [...] sério é aquilo que edifica” (KIERKEGAARD, 2003, p. 13-14).

A partir daquilo que expusemos anteriormente podemos também entender melhor o pensador dinamarquês quanto à escolha do título de sua obra. Esse provém, como fica evidente a partir da leitura do preâmbulo da obra, do décimo primeiro capítulo do evangelho de São João: *Não é para morte esta enfermidade*. Trata-se não da morte do corpo, a morte propriamente dita, mas a morte da alma, a morte de nosso ser eterno, espiritual e que pode acontecer mesmo durante o tempo de nossa vida. E isso pode advir na nossa acomodação ao mundo quando *desesperadamente* queremos ser (para Kierkegaard em sentido pecaminoso) nós mesmos ou *desesperadamente* não queremos ser aquilo que Deus quer que sejamos desde a eternidade. O desespero que aqui acontece é sempre um desespero diante de Deus. Para Kierkegaard, nós nos encontramos a cada momento de nossa existência *in conceptu Dei*. Possibilidade, desespero e angústia nos chamam constantemente para nossa vocação, para nossa determinação eterna. Por isso é necessário na nossa existência quista por Deus que experimentemos essa doença mortal; ela deve livrar-nos de nossa morte temporal, ou seja, da perda de nossa identidade eterna. Para

⁷ Por exemplo, a análise que Heidegger faz do conceito *Dasein* parece ser uma exposição profana da concepção neotestamentária kierkegaardiana do ser humano: “o homem que existe historicamente no cuidado de si mesmo, sobre um fundo de angústia, no instante sempre renovado da decisão entre o passado e o futuro, determinando se quer se perder no mundo do existente bruto (*Vorhanden*), do *man* [...] ou chegar à própria autenticidade no abandono de toda segurança, e na abertura sem reservas ao futuro” (FARAGO, 2006, p. 173, nota 24).

⁸ “Diante da modernidade nascente, diante do modo febril que caracteriza a sua hiperatividade, conduzido pelo invasor processo de objetivação das ciências, diante da invasão do pensamento sistematizador, Kierkegaard resistiu, mostrando que era necessário resgatar o valor da interioridade e da subjetividade viva. Ele pressentiu o advento do desespero no próprio seio da consciência triunfante. Desmascarando a abstração da racionalidade moderna que esteriliza a nossa relação com o mundo, exortou os homens a viverem com a paixão e o ardor da fé. Ele havia pressentido a irrupção das massas e a extrema banalização que pendia como espada de Dâmoacles sobre a Europa em processo de mudança; pressentiu também que os pilares espirituais sobre os quais ela estava construída, depois de ficarem abalados, começavam a vacilar” (FARAGO, 2005, p. 12).

Kierkegaard, encontram-se na pior situação aqueles doentes que negam em todos os sentidos de reconhecer essa doença, esse desespero. Inquietação e desarmonia demonstram que lhes falta a verdadeira relação com Deus e para com a consciência eterna de si mesmos.

Pois esta é a forma magnânima como o cristianismo ensina ao cristão pensar sobre todas as coisas deste mundo, incluindo a morte. É quase como se lhe fosse necessário orgulhar-se de estar altivamente para além daquilo que correntemente é considerado infelicidade, daquilo que vulgarmente se diz ser o pior dos males... Em compensação o cristianismo descobriu uma miséria cuja existência o homem, como homem, ignora: a doença mortal é essa miséria [...]. O único que conhece a doença mortal é o cristão. [...] Não obstante, a lição horrível do cristão está ter aprendido a conhecer a doença mortal (KIERKEGAARD, 2003, p. 16).

Na primeira parte do escrito *O desespero humano* Kierkegaard faz uma exposição psicológica dos mais diferentes modos de apresentação dessa doença nos mais diferentes tipos humanos. Disso resulta uma série de *personificações* originais da consciência relacionadas ao conceito do desespero. Mas antes de expormos algo sobre essas personificações, vejamos como o pensador dinamarquês dá início às suas reflexões no escrito *O desespero humano*, apresentando deste modo a complexidade da estrutura existencial presente em cada indivíduo que vive no palco do mundo. O ser humano é cisão e dever de síntese.

Anti-climacus analisa a estrutura de contradição do ‘eu’ ou do espírito com a ajuda do conceito da *relação*. O eu ou o espírito é uma relação que se relaciona consigo mesma ou uma relação voltada sobre si mesma. Através do seguinte desenvolvimento de pensamentos Kierkegaard chega a esta fórmula. O homem é um composto de alma e corpo. Esse composto pertence a uma esfera finita ou temporal que está sujeita à necessidade causal da natureza. Mas existe também uma relação entre corpo e alma que pertence a outro mundo, a um mundo infinito e eterno da liberdade (e que se encontra em contraposição ao mundo da necessidade). As partes integrantes são mortais; a *relação*, contudo é imortal. Caso as partes estivessem no primeiro plano, a relação seria algo externo e negativo. Mas já que para Kierkegaard a relação está no primeiro plano, pois as partes são compostas para formar essa relação, assim a relação torna-se positiva. Destarte o homem é constituído de uma parte negativa e mortal (alma e corpo) e de uma positiva e imortal (relação entre alma e corpo). Assim, deve existir uma relação entre o temporal (a combinação entre alma e corpo) e o infinito no homem (a relação entre alma e corpo); isso é expresso por Kierkegaard sob a forma de uma relação que se relaciona consigo mesma ou de uma relação voltada sobre si mesma. Kierkegaard reconhece aqui o eu ou o espírito do homem.⁹

⁹ Veja a importância do texto que se segue contido na obra *O conceito de angústia* (KIERKEGAARD, 2010, p. 47) fundamental para a compreensão psicológica do eu na obra *O desespero humano*: “O homem é uma síntese do psíquico e do corpóreo. Porém, uma síntese é inconcebível quando os dois termos não se o põem de acordo num terceiro. Este terceiro é o espírito. Na inocência, o homem não é meramente um animal. De resto, se o fosse a qualquer momento de sua vida, jamais chegaria a ser homem. O espírito está, pois, presente, mas como espírito imediato, como sonhado. Enquanto se acha então presente é, de certa maneira, um poder hostil, pois perturba continuamente a relação entre alma e corpo, que decerto subsiste sem, porém, subsistir, já que só receberá subsistência graças ao espírito. De outra parte, o espírito é um poder amistoso, que quer precisamente constituir a relação. Qual é, pois, a relação do homem com este poder ambíguo, como se relaciona o espírito consigo mesmo e com sua condição? Ele se relaciona como angústia. O espírito não pode desembaraçar-se de si mesmo; tampouco pode apreender-se a si mesmo, enquanto ele se mantiver fora de si mesmo; nem tampouco o homem pode mergulhar no vegetativo, de jeito nenhum, pois ele está determinado, afinal, enquanto espírito; não pode fugir da angústia, pois ele ama; amá-la propriamente ele não pode, porque ele foge dela. Agora a inocência está em seu ápice. Ela é

O homem é espírito. Todavia, que é espírito? É o 'eu'. Mas neste caso, o 'eu'? O 'eu' é uma relação que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas apenas consigo mesma. Ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade, mais e melhor do que na relação propriamente dita. Não é a relação em si o 'eu', mas, sim, o seu voltar-se sobre si mesma, o conhecimento que ela tem de si mesma depois de estabelecida.¹⁰

O 'eu' sendo uma relação é *um dever de síntese*. Entendido desta forma, ele não é ainda verdadeiramente um homem, já que nesta relação ele ainda não é ele mesmo, ele ainda não se determina (nem jamais poderá se determinar) como criador de seu próprio ser. Enquanto o 'eu' se põe como o relacionador em relação, ele se constitui em *livre* auto-determinação como ser próprio espiritual. Certamente que ele fundamenta seu próprio ser no ato do auto-posicionamento; mas para Kierkegaard este ato originário da liberdade não é absoluto no sentido que o eu possa se produzir a si mesmo como *causa sui*. A auto-realização acontece sob uma condição indispensável, de modo que o ato do auto-posicionamento aparece ao mesmo tempo como um ato do ter-sido-posto. Temos assim “uma relação, ou seja, um relacionar-se com quem estabeleceu toda a relação” (KIERKEGAARD, 2003, p. 20), pois o 'eu' possui seu fundamento último, a condição de sua possibilidade fora de si, ou seja, em Deus. Toda liberdade como auto-compreensão recorre em última instância à relação com Deus que aparece como o fundamento portador da existência humana. Temos assim, fazendo uso das palavras do filósofo dinamarquês, “a fórmula que descreve o estado do eu, quando deste se extirpa completamente o desespero: orientando-se para si mesmo, querendo ser ele mesmo, o eu mergulha, através de sua própria aparência, até ao poder que o criou” (KIERKEGAARD, 2003, p. 20). Desta forma,

O eu não é, com efeito, uma identidade abstrata ou um substrato substancial estático: o eu é essencialmente relação e, em primeiro lugar, relação viva consigo mesmo. Não é tampouco a relação entre a alma e o corpo, mas a reflexividade da relação que vai desdobrando sua dinâmica no tempo, permitindo que se realize a síntese entre o infinito e o finito, o temporal e o eterno, a liberdade e a necessidade, o absoluto e o relativo, o incondicionado e a condição que constituem os pólos assimétricos da nossa humanidade. Se a relação entre a alma e o corpo se relaciona reflexivamente consigo mesma por intermédio do espírito, esta relação é o eu. A reflexividade constitui o eu, a singularidade de cada um, arrancando-o à impessoalidade da espécie e aos falsos *selves* que são forjados pelas convenções sociais. Mas o homem não se reduz a essa relação simples. Sua estrutura é mais complexa. Esta complexidade reflexiva que é a existência humana, ‘este filho gerado pelo infinito e finito, pelo eterno e temporal’, acha-se na situação de se esforçar continuamente para equilibrar a relação, a fim de realizar o mais harmoniosamente possível a síntese entre seus elementos heterogêneos. Se uma síntese é uma relação entre duas coisas que, percebidas como distintas, devem reunir-se, ‘essa relação que se relaciona consigo mesma, um eu, deve ou se ter posto a si mesma ou então haver sido posta por outra coisa’. Neste caso, o terceiro que é a relação, ou seja, o espírito, se relaciona com aquilo que pôs toda a relação, isto é, Deus. Resgatar

ignorância, mas não uma brutalidade animal, e sim uma ignorância que é qualificada pelo espírito, mas que justamente é a angústia, porque sua ignorância se refere a nada. Aqui não há nenhum saber sobre bem e mal etc., mas a realidade inteira do saber projeta-se na angústia como o enorme nada da ignorância”.

¹⁰ “O axioma da antropologia kierkegaardiana é simples: ainda que todo homem se desenvolva com liberdade, não se cria a si mesmo a partir de nada: ele se recebe sob a forma de uma condição específica na qual está inscrita a necessidade de se arrancar da animalidade, dando-lhe como tarefa a realizar sua pessoa concreta. Dado a si mesmo sob a forma da imediatez, lançado *no mundo* sob a forma biológica do corpo e de sua reverberação psíquica (a alma), deve ele chegar ao espírito, à faculdade de síntese reflexiva” (FARAGO, 2006, p. 76).

de maneira consciente a relação com Deus, da qual procedemos inconsciente e originalmente, significa nascer para si mesmo de verdade (FARAGO, 2006, p. 86-87).

Sendo o homem constituído ao mesmo tempo de uma parte finita e outra infinita, pode ser que surja uma relação equívoca entre estas partes constitutivas de seu ser: isto é denominado por Kierkegaard de *pecado*. Este estado de pecado, uma vez que surgiu, pode retornar sempre de novo: daí que há uma constante mudança da possibilidade para a realidade. Essa possibilidade do pecado esta relacionada com a parte infinita e permanente do homem sendo ela também a raiz necessária do desespero. No desespero o eu torna-se consciente de seu eu infinito. Este é um aspecto do paradoxo: o homem é na sua existência ao mesmo tempo finito e infinito. Angústia, desespero é o chamado, a vocação infinita do nosso ser temporal. Vejamos em detalhes o que pensa Kierkegaard sobre o conceito de desespero.

Esse conceito psicológico possui nas obras de Kierkegaard, sobremaneira na obra *O desespero humano*, um significado profundo e fundamental. Desespero significa a doença mortal que abrange todo nosso ser e surge a partir de nossa consciência infinita, do nosso eu como espírito. Tal eu é, como vimos anteriormente, uma síntese de imanência (finitude) e transcendência (infinitude), de corpo e alma, de possibilidade e necessidade. “O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em resumo, uma síntese” (KIERKEGAARD, 2003, p. 19). A unidade da síntese é o espírito. Porém o eu não se auto-põe, mas é posto por um Eu transcendente: Deus. O homem deve *agradecer* a ‘alguém’ por ter sido posto, por ser, por existir.

Saúde e doença dependem da natureza deste eu. A saúde depende do fato de se ser inteiramente o eu que foi determinado por Deus e repousar assim no silêncio e clareza de seu poder; a doença surge de um posicionamento do eu contrário (em contraposição) para com a realidade originária. O eu não quer ser esse eu *dado* por Deus, mas sim outro eu, um eu dividido que estaria em contradição consigo mesmo ou com Deus. Assim as partes da imanência e transcendência do eu não estariam mais unidas como síntese na doença. Daí que a relação correta e recíproca torna na doença uma relação equívoca: o que era harmonia torna-se des-harmonia.¹¹

Assim, a partir do que foi dito anteriormente, surgem muitas possibilidades ou variantes de desespero já que o desespero é uma determinação do espírito. Dito de outro modo: existem inúmeras possibilidades do eu decidir o que fazer com as componentes finitas e infinitas presentes em si.

Porque o ser humano tem em si a infinitude, o desespero seria uma tragédia infinita e radical, uma morte viva: a tragédia consiste em não poder morrer.

Para Kierkegaard, o desespero como doença, é universal. Cada ser humano o traz consigo desde o nascimento. Também o cristão livra-se dele somente através de uma luta constante travada na fé.

¹¹ Destacamos, neste sentido, a importância do texto filosófico de Schelling *Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana*, publicado em 1809, à formação da filosofia existencial kierkegaardiana. Veja também KESTERING, J.C. *Sobre a questão do mal em I. Kant e F.W.J. Schelling*. EDUEP: Campina Grande, 2005.

Da mesma forma como provavelmente não haja, segundo os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio de uma eventualidade exterior ou receio de si mesmo. Assim como os médicos dizem numa doença, o homem traz em estado latente uma enfermidade, da qual, num relâmpago, raramente um medo inexplicável lhe revela a presença interna. E de qualquer maneira jamais alguém viveu e vive, fora da cristandade, sem desespero, nem ninguém na cristandade se não for um verdadeiro cristão. Já que, a menos de o ser integralmente, nele subsiste sempre um mínimo de desespero (KIERKEGAARD, 2003, p. 27).

Existir segundo a concepção existencial kierkegaardiana, não é um acontecimento que se realiza por si só, sem a ação própria do ser humano; existir pressupõe ativa auto-realização, é auto-relação engajada. A existência não é um movimento contínuo linear, mas superação das contradições constitutivas do próprio ser. “A existência é o reino do devir, do contingente e, portanto, da história. Em suma, a existência é o reino da liberdade: o homem é o que ele escolhe ser, é o que se torna. Isso quer dizer que o modo de ser da existência não é a realidade ou a necessidade, e sim a *possibilidade*” (REALE/ANTISERI, 1991, p. 245). As contradições fundamentais de cada ser humano não podem ser superadas de uma só vez de forma abrupta, mas somente de acordo com o momento de decisão através da ação de auto-relação. Tudo acontece a partir da própria liberdade que nada mais significa que um retorno à própria auto-compreensão, ou seja, à própria auto-relação. Existir torna-se assim um risco que por razão da periculosidade primitiva da liberdade humana abrange também em si o perigo do fracasso. Cada indivíduo deve adentrar no seu próprio risco; ninguém pode aqui representar ninguém. Liberdade é entendida aqui como liberdade moral, como autonomia e não como heteronomia. Percebemos que o ser humano durante o tempo que permanece no mundo não é um ser estático, ôntico; muito pelo contrário, ele é um ser fundamentalmente em movimento, ele é processo, devir, liberdade que se fundamenta a si mesma sendo ela mesma fundamentada. Para Kierkegaard o nome que se dá para uma realização correta da existência é *fé* no sentido de um deixar-ser engajado, responsável na dialética do deixar-se ou dar-se no horizonte da liberdade concedida por Deus; a falta de realização da existência chama-se por sua vez de *desespero*: Não ser, eis o desespero!

O coração do drama humano está na relação da existência com uma transcendência que constitui sua abertura a um além de si mesma ou, em outras palavras, existência significa poder de decisão, possibilidade de ser e de nada, como dúvida e como fé, uma ação interior da liberdade convocada a fazer opções decisivas (FARAGO, 2006, p. 128).

Se o indivíduo negar a relação com Deus para tentar fundamentar-se ou dar razões somente a partir de si – o que o leva por conseqüência a um distanciamento de seu fundamento mais próprio – assim o desesperado vive sem sentido, ou expresso no modo cristão kierkegaardiano, esse desesperado é um pecador. Desta forma fica evidente que para Kierkegaard “‘o homem não pode absolutamente nada, [...] Deus é quem dá tudo, [...] é ele que possibilita o homem crer etc. Isso é a Graça, e aí temos o princípio do cristianismo’ [...]”. O cristianismo é a verdade ‘por parte de Deus’ e não ‘por parte do homem’” (REALE/ANTISERI, 1991, p. 244-

245). O escândalo do perdão do pecado a partir da Graça possibilita ao homem à conversão do desespero. Kierkegaard polemiza contra uma filosofia de vida que crê que o indivíduo possa construir a partir das próprias forças soberanamente seu próprio ser. Da mesma forma ele se posiciona contra o ateísmo que explica o Cristianismo como uma inverdade. Ao ateísmo é contraposto Cristo na sua forma de escravo. Daí surge um posicionamento duplo em relação ao ser humano: a forma de escravo lhe revela o que significa ser um ser humano; mas ao mesmo tempo lhe diz: *Presta atenção às minhas palavras, eu sou do mesmo modo Deus. Feliz aquele que não se escandaliza das minhas palavras.* A partir desta reflexão podemos compreender as razões porque Kierkegaard sempre se considerou um escritor religioso. “A filosofia existencial de Kierkegaard é verdadeira teologia experimental ou, ainda mais exatamente, autobiografia teológica” (REALE/ANTISERI, 1991, p. 245). A seguir veremos as personificações do desespero apresentadas por Kierkegaard.

PERSONIFICAÇÕES DO DESESPERO

No terceiro livro da primeira parte da obra *O desespero humano* Kierkegaard faz uma análise dos mais diferentes tipos de personificações do desespero seguindo uma dupla esquematização: primeiramente descreve o desespero considerado a partir de fatores que compõem a síntese que o indivíduo é: finitude-infinitude, possibilidade-necessidade; em seguida o desespero é considerado sob o aspecto da subconsciência e da consciência, sendo o desespero da consciência encontrado sob duas formas fundamentais: o desespero de não querer ser si próprio (desespero fraqueza) e o desespero de querer ser si próprio (desespero desafio).

O eu é uma síntese consciente que se constitui por diversos fatores através das relações existentes com a sua própria unidade. Sendo assim, este eu vive em constante atrito entre o finito e o infinito. Para que este eu se realize é necessário que este se concretize, e concretizar-se significa para o eu algo impossível de ser realizado porque ele está em constante evolução apresentando-se sempre como um vir a ser dentro da síntese que o constitui, permanecendo, assim, no desespero.

A dialética transpassa todas as formas de definição de desespero. Todos os tipos de desespero só podem ser definidos pelo seu contrário diferentemente do estado do desesperado no desespero. O eu é apresentado por Kierkegaard como sendo uma síntese de finito que o delimita e de infinito que o ilimita.

Sendo assim, para que este eu não se desespere é preciso que este se concretize tornando-se o eu ele mesmo. No entanto este não consegue, pois está sempre evoluindo não tendo assim existência real em potência, não sendo se não o que vem a ser, não conseguido assim ser o eu ele mesmo.

O ser humano quer libertar-se na maioria das vezes de seu próprio eu, quer tornar-se um eu de sua própria invenção. Se o indivíduo é uma síntese entre finitude e infinitude, o eu se desespera quando um desses fatores assume o predomínio sobre o outro. Para Kierkegaard, o desespero da infinitude se manifesta na fantasia, no imaginário.

O desespero que se perde no infinito é [...] imaginário, informe [...]. Geralmente é o imaginário que transporta o homem ao infinito, mas afastando-o apenas de si mesmo e desviando-o dessa maneira de regressar a si mesmo. (KIERKEGAARD, 2003, p. 34-35).

Neste ponto Kierkegaard chama a nossa atenção para uma faculdade em especial distinguindo-a das outras e tida por este como a principal agente e responsável pela nossa infinitização à imaginação. Logo tudo que há de sentimento, conhecimento e vontade no homem estão sempre relacionados com o poder de sua imaginação. Kierkegaard nos mostra que todas as reflexões existentes em nossas faculdades projetam-se até a imaginação que por sua vez se apresenta como a reflexão que cria o infinito.

É por meio desta faculdade que nos transportamos para o infinito nos afastando cada vez mais de nós mesmos. Desviando-nos assim do nosso eu, corremos o risco constante de nos perdermos no infinito, tendo os nossos sentimentos absorvidos assim pelo nosso imaginário. Passamos então levar uma vida isolada no abstrato, privando-nos do nosso eu do qual nos afastamos cada vez mais.

Ao contrário do desespero anterior o desespero no finito revela-se como estreiteza de espírito. O indivíduo vive conformado, perdendo sua própria identidade por motivo das convenções: “perdido não porque se evapore no infinito, mas porque se fecha no finito, e porque em vez dum eu se torna um número, mais um ser humano, mais uma repetição dum eterno zero” (KIERKEGAARD, 2003, p. 36). Esse desesperado esquece seu lado divino, adaptando muitas vezes às convenções de grupo, mas não consegue ser ele próprio, ter um eu próprio pelo qual tudo possam arriscar. Contemplando as multidões ao seu redor, enchendo-se de ocupações mundanas, esforçando-se na compreensão dos rumos do mundo “este desesperado esquece-se de si mesmo, esquece o seu nome divino, não ousa crer em si mesmo e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho” (KIERKEGAARD, 2003, p. 37).

Quanto ao desespero sob a ótica da dupla categoria do possível e da necessidade é preciso que levemos em consideração o seguinte. Para que haja transformações no eu tornam-se igualmente fundamentais as categorias do possível e da necessidade, pois é essencial para o eu ter a possibilidade de mudança como também sentir há necessidade de mudar. Estas duas categorias, por sua vez, encontram-se entrelaçadas no eu, o eu tem participação igual em ambas, mas quando há uma inclinação maior para uma das categorias especificamente citadas este eu vem a desespera-se tanto por falta de uma como de outra. O eu é liberdade e esta liberdade apresenta-se como uma dialética entre essas duas categorias. O possível abre um campo infinito de realizações, enquanto que a necessidade retém, pondo limite as nossas ações. O eu busca o equilíbrio entre essas duas categorias para não desesperar-se logo: Se o eu é necessidade, assim ele é ele próprio; se ele é possibilidade, assim ele está se realizando. Se o eu se distancia da necessidade assim ele se perde no possível; se ele se fecha na necessidade, assim ele não cresce, definha e morre. “O eu é necessidade por ser ele mesmo, e é possível porque deve realizar-se” (KIERKEGAARD, 2003, p. 38).

O desespero do possível revela-se como uma carência de necessidade, mostrando-se totalmente dependente desta dialética. Este eu vem a desesperar quando se perde dentro das possibilidades que existem diante de si e que são infinitas. O possível nunca deixa de ser possível tragando o eu para dentro de si como que para um abismo, impedindo assim que algo real se concretize. Logo o real não existira se o eu não se submeter à passagem do possível para o real que se dá através da necessidade que vem refreando as possibilidades e tornando-as reais. Segundo o modo desse desespero o eu torna-se uma abstração do possível; ele é incapaz de obedecer, não se submete à necessidade. Não havendo fronteiras interiores, não percebe que este eu é o seu, sendo responsável pelo mesmo. No possível o eu está longe de ser ele próprio. Tudo permanece aberto no futuro; conseqüentemente “o homem perde-se deixando que o seu eu se reflita imaginariamente no possível” (KIERKEGAARD, 2003, p. 39).

Já o desespero na necessidade dá-se como carência de possível. Sendo o eu um vir a ser, necessita plenamente da possibilidade de transformação, e na falta desta este eu, por sua vez, desespera-se. Um bom exemplo desta situação é imaginarmos um homem diante de uma doença incurável onde não há mais possibilidades de cura restando a este apenas esperar o dia de seu fim. O que lhe resta, pois, é decidir se quer escolher acreditar em Deus passando este a crer que para Deus tudo é possível para que haja ainda uma possibilidade de esperança ou perecer diante desta fatalidade em desespero constante até seu fim.

Se o eu é necessidade, assim ele é ele próprio; se ele é possibilidade, assim ele está se realizando. Se o eu se distancia da necessidade assim ele se perde no possível; se ele se fecha na necessidade, assim ele não cresce, define e morre. “O eu é necessidade por ser ele mesmo, e é possível porque deve realizar-se” (KIERKEGAARD, 2003, p. 38).

A despeito do desespero sob a ótica da categoria da consciência é preciso que digamos o seguinte: esse se apresenta de maneira relativa ao grau de consciência de cada homem. Quanto mais se tem consciência das coisas mais intenso e gradativamente crescente se torna o desespero na vida de cada um. Enquanto que por outro lado quanto mais elevada à inconsciência menor o grau de desespero. Sendo assim Kierkegaard, nos mostra que o desesperado que ignora sê-lo está na realidade bem mais distante da verdade e da salvação do que o desesperado que tem plena consciência do seu desespero.

Kierkegaard reflete também sobre o desespero que se ignora ou ignorância desesperada por se ter um eu, um eu eterno. Na maioria das vezes os nossos sentidos tem mais força do que o nosso intelecto, iludindo assim com muita facilidade os homens que ao desfrutarem deles com intensidade julgam ser plenamente felizes, pois, conhecendo apenas a categoria dos sentidos descuidaram do espírito e da verdade. Esses homens não tem a real consciência de que são espíritos e por muitas vezes não tem nem uma leve ideia de ser esse ser absoluto que aos homens é dado ser. Nesta forma de desespero o homem possui a menor consciência de ser espírito. “Aqui, como na tuberculose, é quando o desesperado está melhor e melhor se sente, e pode dar a impressão duma saúde florescente, que o mal é mais agudo” (KIERKEGAARD, 2003, 46). Kierkegaard nos mostra que todos nós somos uma síntese com uma finalidade espiritual partindo daí a nossa estrutura no seu todo. E já sendo um devaneio esse desespero, sê-lo na ignorância o

torna ainda maior. Logo esse homem se encontra em duas situações complexas. Em primeiro lugar o fato de estar desesperado e em segundo lugar o fato de estar ignorando o desespero.

Há duas formas de desespero consciente da sua existência. O primeiro apresenta-se como o desespero em que não se quer ser si mesmo, ou desespero fraqueza e o segundo como o desespero no qual queremos ser nós mesmos, ou desespero desafio. Quanto mais temos consciência do eu mais nos desesperamos passando então a sentir o desespero com maior intensidade. Logo, quanto mais nos desesperamos mais temos a consciência de que somos desesperados.

O desespero que se deseja ser si mesmo é o desespero masculino, o desespero desafio. Conforme Kierkegaard explica, esse desespero exige a consciência de um eu infinito. Assim

[...] o desesperado quer ser exatamente esse eu, isolando-se de qualquer relação com um poder que lhe deu resistência, arrancando-o à idéia da existência de tal poder. Com o auxílio dessa forma infinita o eu quer, desesperadamente, dispor de si, ou, criador de si mesmo, fazer do seu eu o eu que quer ser, escolher o que admitirá ou não o seu eu concreto [...]. Recusando-se a aceitar o seu eu, a ter como seu esse eu que lhe coube em sorte, quer pela forma infinita, que persiste em ser, construir ele mesmo o seu eu (KIERKEGAARD, 2003, p. 65).

Mas, sentindo ser senhor de sua casa, um segundo exame de sua situação é capaz de convencer-nos “de que este príncipe absoluto é um rei sem reino, que, em verdade, sobre nada governa” (KIERKEGAARD, 2003, p. 66).

O desespero de quem não quer ser ele próprio é o desespero da fraqueza, chamado de desespero feminino, próprio do homem espontâneo, sem nenhuma reflexão e interioridade e pode assumir a forma da escravidão no abandono às circunstâncias exteriores. Não querer ser si mesmo significa ser alguém diferente de quem se é. Esse desesperado segue a lógica do pensamento segundo a qual os *outros são mais felizes do que eu*. Ser César ou nada! Esse eu, também em relação à própria idade, nunca está contente consigo mesmo. Neste sentido diz Kierkegaard (2003, p. 57): “A juventude vive na ilusão, esperando dela e da vida o extraordinário. Contrariamente, a ilusão, nos velhos, refere-se muitas vezes à sua maneira de recordar a mocidade”.

Da exposição anterior sobre as mais diferentes personificações do desespero fica evidente que Kierkegaard, utilizando a difícil história de sua própria existência interna, expõe uma tipologia religiosa completa do desespero e da consciência do pecado.

A segunda parte do texto *O desespero humano* é uma exposição dogmático-teológica. Kierkegaard apresenta para os homens da atualidade o conceito de pecado que é utilizado com má vontade e que os homens modernos supõem não poderem fazer nada com o mesmo. Para Kierkegaard, o pecado só pode ser compreendido plenamente a partir de seu conceito contrário. Esse conceito não é o da virtude, mas aquele da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do nosso estudo pudemos perceber, primeiramente, que Kierkegaard foi um defensor do indivíduo, tentando livrá-lo do anonimato e de sua dissolução na multidão. Ser si mesmo é uma tarefa difícil e pressupõe engajamento e sofrimento. Sem inquietação, sem angústia, sem desespero ninguém consegue edificar-se. E somente aquilo que é sério pode na nossa existência edificar-nos.

Vimos também que o desespero é uma categoria psicológica que possui na obra *O desespero humano* um significado essencial. O desespero surge para Kierkegaard a partir de nossa consciência infinita ou do nosso eu como espírito. Assim o Eu compreende-se não como *causa sui*; ele é posto por um Eu transcendente, por Deus. O desespero é uma doença mortal da qual ninguém está livre, sendo, pois, universal. Cada ser humano porta-o consigo desde seu nascimento e carrega-o até sua própria morte; inclusive o cristão livra-se dele somente através de uma luta constante travada na fé. Compreendemos que para Kierkegaard existir pressupõe uma decisão contínua do ser humano para ser aquilo que ele almeja ser; existir é auto realização, é autor-relação engajada. Entende-se, assim, a existência como uma superação contínua das contradições constitutivas do próprio ser.

Abordamos, também, no nosso trabalho, as diversas personificações do desespero no eu. Colocamos em destaque o desespero do eu enquanto síntese que se realiza entre finito e infinito, entre possibilidade e necessidade. Existe uma dialética no eu que se desenvolve como tentativa de equilíbrio. O eu sendo a síntese de finito e infinito não consegue se realizar num ou noutro aspecto. Se cair no finito, se desespera, se se fixa no infinito, continua no desespero. No desespero da possibilidade e da necessidade, o eu continua sempre a desejar ser ele mesmo, mas ele se encontra sempre entre sua possibilidade e sua necessidade. Se ele é necessidade ele é ele mesmo, se é possibilidade ele está se realizando.

Kierkegaard desenvolve, do mesmo modo, uma reflexão acerca do desespero da inconsciência e da consciência. Quanto mais aumenta a consciência do eu mais aumenta o desespero. No desespero da inconsciência o eu ignora aquilo que é primordial e eterno em si; ignora a finalidade espiritual que tem e se mantém preso aos elementos sensuais. O desesperado aqui não tem consciência de ser espírito e perde seu eu nas ocupações do dia a dia. Já o desespero consciente pode ser aquele segundo o qual o indivíduo quer ser si mesmo ou não quer ser si mesmo. Kierkegaard os chama de desespero-desafio ou desespero-fraqueza. No desespero-fraqueza, como vimos, o eu não quer ser ele próprio, ou seja, torna-se um eu passivo, sem poder de decisão. No desespero desafio o indivíduo quer ser ele mesmo a todo custo, e isso sem necessidade do Eu eterno. Para Kierkegaard, ambos os desesperos, vistos apenas a partir de si, levam o ser humano ao fracasso quanto a sua própria realização.

Por fim, percebemos também que a problemática filosófica abordada por Kierkegaard possui sempre, como fonte inspiradora, temáticas religiosas. Assim, a tarefa essencial de todo tipo de investigação deveria ser, para Kierkegaard, aquela que tivesse como finalidade ajudar cada ser humano a ser realmente um ser cristão.

ABSTRACT

Our fundamental goal in this term paper is to discuss the existentialist philosophy proposed by Kierkegaard in his work "The Sickness Unto Death", written in 1849. By doing bibliographical research in books and scientific journal articles, we look for a better understanding of what is the human despair and how it manifests in our existence. Thereby, the thinker's existentialist philosophy is about the human despair, introducing it as a deadly disease and as the only existing evil for which there is no cure. Kierkegaard presents the despair in personifications, naming and analyzing them separately and in a very specific way: Despair from the perspective of the dual category of the finite and the infinite; Despair of infinitude or lack of the finite; Despair of the finite or lack of the infinite; Despair from the perspective of the dual category of the possible and the necessary; Despair of the possible or lack of the necessary; Despair of the necessary, or lack of the possible; Despair from the perspective of the consciousness category; Despair that ignores itself or desperate ignorance for having a self, an eternal self; Conscious despair of your existence; Despair of wanting to be oneself and despair of not wanting to be oneself. Starting with these assumptions, we are going to explore deeper each of these personifications in an attempt to better understand them. The lack of consciousness of humans about the difficult task of living makes the desperation even more radical, because the individual moves further and further away from his own existential truth.

KEYWORDS: Kierkegaard. Existence. Despair.

REFERÊNCIAS

- FARAGO, F. **Comprender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F. Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- HYPPOLITE, J. **Gênese e Estrutura da Fenomenologia de Hegel**. Tradução de Sílvio Rosa Filho; prefácio de Bento Prado Jr. 2a. ed. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.
- KESTERING, J.C. **Sobre a questão do mal em I.Kant e F.W.J. Schelling**. EDUEP: Campina Grande, 2005.
- KIERKEGAARD, S. **O Desespero Humano**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- _____. **O Conceito de Angústia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- NIETZSCHE, F.W. **Schopenhauer Educador**. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2008.
- NOGARE, D. P. **Humanismos e Anti-Humanismos: Introdução à antropologia filosófica**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- REALE, G. / ANTISERI, D. **História da Filosofia**. Do romantismo até nossos dias. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.